Leia Escola, Campina Grande, vol. 7, nº 1, 2007 – ISSN 1518-7144

CRÍTICA CINEMATOGRÁFICA: DO GÊNERO ÀS PRÁTICAS SITUADAS

Fernanda Valim Côrtes Miguel – UNICAMP

Resumo

O propósito deste artigo é apresentar e discutir brevemente alguns aspectos de minha pesquisa de mestrado[1], na qual investiguei a prática situada de crítica cinematográfica a partir da problematização dos modos como integrantes de uma comunidade especializada de críticos de cinema concebem o papel da atividade midiático-jornalística na constituição de suas próprias produções escritas. A discussão foi elaborada com base em textualizações de entrevistas realizadas com integrantes desta comunidade e de uma comunidade de estudantes universitários, além de outras fontes textuais, orais e escritas, em circulação na internet. A análise desses documentos mostrou que as críticas nem sempre foram consensualmente vistas pelos entrevistados como filiadas ao gênero crítica cinematográfica, fato que motivou a buscar compreender com base em quais critérios tais comunidades justificariam a inclusão ou a exclusão de certas críticas do domínio do gênero 'crítica cinematográfica'.

Palavras-chave: crítica cinematográfica; atividade midiático-jornalística; práticas sociais; gêneros discursivos; comunidades de prática.

Abstract

This article aims at presenting and discussing some issues of my dissertation [1] in which I investigated the situated practice of film criticism by problematizing the way participants of a specialized community of cinema critics conceive the role of the midiatic-journalistic activity in the composition of their own written production. The discussion was based on interviews with members of the referred community and members of a community of university students. Other sources, both oral and written, available on the internet, were also considered. The analysis of such documents revealed that the critiques were not always consensually seen by the interviewees as belonging to the genre called film criticism. This fact motivated us to try to understand the criteria used by those communities to include or exclude certain types of critiques from the domain of film criticism.

[1] Miguel, F. V. C. 2009.

Keywords: film criticism; midiatic-journalistic activity; social practices; discourse genres; practice communities

Introdução

Num primeiro momento, é relevante esclarecer aos presentes leitores os motivos principais que motivaram certas reflexões sobre o tema em questão e que contribuíram, posteriormente, para a execução de minha dissertação de mestrado. Meus primeiros estudos, nesse sentido, partiram da tentativa de unir duas áreas específicas de meu interesse: O Jornalismo Cultural e a Linguística Aplicada. O projeto teve início quando convidei, na época, nove alunos graduandos de áreas, anos e universidades diferentes de Campinas (SP) para serem entrevistados e a cada um deles forneci duas críticas com posicionamentos antagônicos em relação ao filme *Olga*[2]. As críticas sobre este filme foram selecionadas já que os veículos de comunicação brasileiros, de modo geral, publicaram grande quantidade de textos sobre a produção cinematográfica de Jayme Monjardim e Rita Buzzar e reacenderam a discussão sobre o casamento estético entre o cinema e a televisão. Tive a preocupação, naquele momento, de selecionar tanto as críticas favoráveis quanto as desfavoráveis em relação ao filme, as quais foram entregues de forma referenciada aos entrevistados, não apenas com os nomes dos respectivos autores, como também integradas aos seus respectivos suportes, isto é, como críticas veiculadas por canais midiáticos definidos nos quais foram publicadas.

Em relação a esses primeiros entrevistados, procurei verificar se os leitores seriam capazes de reconhecer o gênero discursivo 'crítica cinematográfica', de prever sua estrutura, seu conteúdo temático e de identificar seu estilo, elementos estes que, segundo Bakhtin[3], integram o todo do enunciado e são definidores dos gêneros discursivos. Procurei verificar ainda se os leitores atribuíam alguma função ao gênero, seja no contexto imediato da entrevista, seja no contexto mais amplo de suas práticas cotidianas. Para minha surpresa, uma das críticas selecionadas, intitulada *Por que Olga incomoda?*, escrita por Emir Sader[4], gerou certa polêmica e posicionamentos diversos entre os leitores. Reproduzo a seguir um trecho do texto em questão:

[2] As críticas em questão foram: "Por que Olga Incomoda?"; "Olga: O campo de concentração das sete mulheres"; "Olga emociona graças ao ótimo elenco e à sempre pertinente mensagem contra o ódio e a intolerância"; "Olga casa com o público e se divorcia dos críticos" e "Paixão sem inteligência", todas coletadas entre agosto e setembro de 2004.

[3] Bakhtin, 2003, p. 262.

[4] O texto de Sader circulou pela internet e foi publicado no site *Carta Maior* e no *blog* do sociólogo.

> É possível que Olga incomode também porque é uma produção de ótima qualidade, apesar de procurar fugir dos cacoetes de estilo norte-americano e que tanto nos acostumam nos cinemas. Mas sobretudo Olga incomoda porque é um filme que toma posição: é de esquerda – como o são Diários de motocicleta e as fitas de Michael Moore -, quando nos querem convencer de que isso não existe mais, que apenas os critérios estéticos é que contam[5].

Durante as acaloradas discussões e problematizações do texto de Sader pela maioria dos estudantes entrevistados – e até mais tarde, durante as entrevistas com os críticos especializados, convidados a ler o mesmo texto –, alguns leitores chegaram a questionar o pertencimento daquele texto ao gênero crítica cinematográfica. No exemplo a seguir, um dos estudantes expõe parte de sua opinião, revelando seu descontentamento e certa dúvida em relação às características textuais da suposta crítica:

> Eu achei uma pena porque ele (Emir Sader) transpassa um sentimento de causa, de identificação com a causa muito grande, e isso faz com que meu julgamento sobre a crítica fique em cima do muro porque se ele estivesse falando bem, ressaltando pontos positivos, como ele até ressaltou, isso é uma coisa, teria colocado os argumentos dele... mas ele coloca, ele deixa passar um sentimento pela causa da esquerda, então na verdade ele não está defendendo o filme, ele está defendendo a sobrevivência da luta, a sobrevivência da esquerda o texto todo. (...) então ele tomou muito o partido de uma causa e isso me faz ler o texto meio... será que o cara não está sendo muito partidário? Não está defendendo o dele e não um argumento? E é isso, ele está defendendo o dele o tempo todo. (...)
> Aqui o discurso apaixonado dele faz com que o texto todo fique comprometido, e você não consegue enxergar nada, você não está olhando para o filme, você está olhando para a ideologia, entendeu? Na verdade não fala sobre o filme, fala sobre a esquerda, e não é isso. **Então, se isso é uma crítica, ela não faz o que se propõe a fazer.** (In: MIGUEL, F. V. C. 2009, p. 173).

O exemplo a cima é ilustrativo, pois nos revela uma crítica usual de grande parte dos entrevistados em relação ao texto de Sader. Para o estudante em questão, o texto se distanciaria de uma crítica cinematográfica

[5] Sader, E. 2004.

propriamente dita à medida que a intenção de seu autor estaria centrada na discussão dos aspectos políticos e ideológicos supostamente existentes no filme. Ao terminar esta última fala, transcrita anteriormente, perguntei ao estudante qual, afinal, deveria ser a proposta da crítica. Ao que ele me respondeu:

> Olha, qual deveria ser a proposta da crítica especificamente? Isso é meio indefinido hoje ainda, assim. O que eu acredito pessoalmente é que deveria ser, como qualquer assunto jornalístico, simplesmente um ponto de vista sobre aspectos, que não só aspectos técnicos, mas impressões sobre aquele filme e talvez, neste caso até já me contradizendo, ele (Emir Sader) cumpra isso porque são as impressões dele sobre o filme, né?[6]

É interessante observarmos, a partir da citação anterior, como o próprio entrevistado explicita a contradição de seu pensamento em relação aos comentários feitos por ele anteriormente, pois se o objetivo da crítica cinematográfica seria o de fornecer "impressões" sobre determinado filme, então, o texto de Sader cumpriu seu suposto papel. O que nos parece também perceptível através da contradição do depoimento é que o estudante aproxima a crítica cinematográfica ao texto tipicamente jornalístico, usualmente encarado como "imparcial" e "objetivo", já que os cursos de formação desse profissional, na maioria das vezes, primam pela busca de tais mitos. Para o estudante, é como se os demais textos lidos estivessem ausentes de ideologia e que apenas o texto de Sader fosse ideológico pelo fato de expressar claramente um posicionamento político. Esta leitura poderia ser reforçada ao acrescentarmos a informação de que, na época, o entrevistado em questão era aluno de comunicação social e jornalismo. Vejamos a seguir um depoimento de outra entrevistada que aparentemente questiona o pertencimento do texto de Sader ao gênero crítica cinematográfica:

> Eu acho que a primeira crítica, do André Lux, é importante para quem quer saber o que acontece no filme porque, como eu já disse, fala dos aspectos técnicos, então você lê e já sabe o que esperar do filme, mas a do professor aqui é importante para desvendar a mensagem do filme também. **Eu acho que é mais um estudo de como o filme, qual a impressão que o filme causa.** Eu acho que é para ler depois do filme e essa crítica é boa pra você saber o que esperar do filme[7].

[6] In: Miguel, F. V. C. 2009, p. 178.
[7] In: Miguel, F. V. C. 2009, p. 203.

É significativo observar também qual é o papel social exercido por Emir Sader, professor e sociólogo, e a ausência de um veículo de comunicação de massa legitimado em larga escala no qual seu texto estivesse publicado. Penso que a posição socialmente ocupada por Sader e o suporte de publicação de seu texto também interferiram no modo como os entrevistados o categorizaram. Vejamos a seguir mais dois trechos de depoimentos sobre o texto de Sader, o primeiro do jornalista João Nunes, crítico do jornal Correio Popular de Campinas, seguido do de Fernão Ramos, crítico dos jornais Folha de S. Paulo e Estado de S. Paulo na década de 80:

> (...) por esse texto aqui -- eu já tinha lido o texto -- mas assim, não precisa nem ler para você observar o que é que o cara está querendo dizer... é um cara de esquerda, entendeu? Que está defendendo comunistas, como assim se defender comunistas, ou defender a esquerda, causas justas transformasse isso num bom filme. Não necessariamente. **Cinema não é tese, entendeu?**[8]

> Eu acho que é uma crítica -- é o que eu te falei -- é uma crítica de conteúdo, né? E nesse sentido é uma crítica incompleta... **é um sociólogo que escreve e está falando do filme como se estivesse falando de um ensaio**. Falta cinema aqui, né? Ele analisa pouco o filme. Como eu trabalho com cinema, o que eu sinto falta aqui é isso[9].

Tais depoimentos motivaram, então, uma nova reflexão acerca de minhas questões iniciais: Por que os demais textos não foram questionados enquanto pertencentes ao gênero crítica? Por que apenas o texto de Sader não foi aceito, ainda que apresentasse uma estrutura, um conteúdo temático e um estilo visivelmente comum aos demais textos por mim selecionados? Na época, levantei a hipótese de que o texto de Sader objetivava claramente um posicionamento político de esquerda, fato que causou estranheza aos demais. A partir destas questões decidi que seria interessante investigar o modo como determinada comunidade especializada de críticos de cinema[10] concebia o papel do veículo midiático na constituição de suas próprias produções escritas

[8] Nunes, J. In: Miguel, F. V. C. 2009, p. 236.
[9] Ramos, F. In: Miguel, F. V. C. 2009, p. 217.
[10] Por "comunidade especializada de críticos" compreendo os críticos que se dedicaram ou ainda se dedicam à atividade regular de produção escrita de críticas cinematográficas para a publicação em veículos jornalístico-midiáticos da atualidade. A saber, os cinco críticos entrevistados foram: João Nunes, Fernão Ramos, Jorge Coli, Emir Sader e João Gabriel.

e com base em quais critérios essas comunidades, especializadas ou não, justificariam a inclusão ou exclusão de certas críticas do domínio do gênero 'crítica cinematográfica'.

Passei a suspeitar que a teoria dos gêneros não daria conta de explicar aquele acontecimento particular, ou seja, por que um texto que se pautava nas mesmas categorias dos demais não foi reconhecido da mesma maneira. Parti, então, para outros estudos que se mostraram mais esclarecedores diante das questões a serem por mim investigadas, chegando até alguns teóricos contemporâneos da Linguística Aplicada e perspectivas que apontavam para o estudo da teoria da atividade, das práticas sociais e das comunidades de prática. Parti do diálogo interdisciplinar entre diferentes campos do saber (Linguística, Antropologia e Sociologia), passando por autores que refletiam - nem sempre de maneira convergente - sobre problemáticas comuns. A partir dessas perspectivas passeia a encarar a própria crítica cinematográfica como uma prática social que poderia ser realizada por diferentes comunidades em diferentes atividades humanas.

Prática social e a noção sistêmica de atividade

Para teóricos da atividade, como Leontev[11] e Engeström[12], as atividades humanas são vistas como uma noção sistêmica, o que significa dizer que este conceito não poderia ser entendido ou definido sem se recorrer a outros conceitos que com ele se relacionam. Uma atividade seria constituída por certas *práticas sociais*, realizadas por certas *comunidades de prática*, as quais, por sua vez, seriam reguladas por determinada *divisão de trabalho* e *regras* implícitas e explícitas de organização e conduta. Todo sistema de atividades também seria formado por *artefatos mediadores*, ou seja, todas as ferramentas e materiais necessários para produzir determinados *objetos culturais* ou *formas simbólicas,* produtos finais do sistema. A partir desse ponto de vista, não faria sentido pensarmos em elementos isolados e rígidos, pois a definição de um deles dependeria sempre da configuração e reconfiguração dos demais elementos envolvidos na situação da qual todos eles participam, tal como numa rede permanentemente interligada e em constante movimento. Uma das críticas feitas por mim, entretanto, em relação a esses teóricos partiu do modo como encaravam a linguagem, como instrumento de mediação das interações entre indivíduos e sociedade. Para mim - partindo das concepções de autores como Signorini[13]; Moita Lopes[14]; Mondada[15]; Rajagopalan[16]; Hanks[17]; Blommaert[18] - a língua e a linguagem seriam parte integrante e central de todo sistema de atividades, já que assim como configurariam e condicionariam as práticas e as atividades, também seriam mutuamente configuradas e condicionadas por elas.

Já a evolução histórica do conceito de prática social até a consolidação de uma "teoria da prática social" originou-se mesmo do conceito de *praxis* proposto por Marx, juntamente com elementos do pensamento de Bourdieu, Giddens, Lyotard. Essas concepções partilhavam o traço comum da "*idéia de que as práticas são o local* [*site*] *onde a compreensão é estruturada e a inteligibilidade articulada*[19]".

Lave, ao situar seu trabalho nas teorias da prática social, acabava por nos revelar alguns pressupostos direcionadores, nos quais se procurava "*explicar as relações entre a ação humana e o sistema social e cultural ao nível das atividades cotidianas em cenários culturalmente organizados*[20]". Uma das raras formulações de Lave sobre o que considerava ser o conceito de prática social dizia: "*uma estrutura complexa de processos inter-relacionados de produção e transformação de comunidades de participantes*[21]". Para ela, a prática seria "*constituída na relação dialética entre as pessoas-em-ação e os cenários dessa atividade*[22]". O próprio Wenger destacou que essa linha teórica tinha uma particular preocupação com o que se passava nas atividades cotidianas e nos cenários de vida real, com ênfase no modo como os grupos organizam suas atividades, suas relações e suas interpretações de mundo[23].

Na perspectiva em que me situo, uma prática, portanto, não é uma ação humana qualquer, mas uma ação que está ligada a um objetivo e à intencionalidade de determinada comunidade de prática. Ainda que, em última instância, toda ação seja praticada por um indivíduo em particular, seria necessário compreendê-la como ação histórico-social de uma comunidade inserida em certas tradições. As práticas seriam, assim, ações transformadoras e dialéticas, pois agem sobre o mundo e sobre os indivíduos, transformando-os mutuamente. Além disso, as práticas sociais também são vistas como ações produtivas, já que produzem formas simbólicas, e reflexivas, já que nega a dicotomia teoria *versus* prática: a atividade manual não é irreflexiva, assim como a atividade intelectual é vista como prática. Por fim, toda prática realiza-se sempre de forma situada em um determinado sistema de atividade humana,

[11] Leontev, 1978 apud Santos, M. P. 2004, p. 210-211.
[12] Engestron, 2001, p.78-115.
[13] Signorini, 1998; 2008a; 2008b.
[14] Moita Lopes, 1994; 1998; 2006.
[15] Mondada, 1997; 2008.
[16] Rajagopalan, 2008.
[17] Hanks, 1996; 2008ª; 2008b.
[18] Blommaert, 2005.
[19] Schatzki, 1996, p. 12.
[20] Lave, 1988, p. 14 apud Santos, M. P. 2004, p. 202.
[21] Lave, 1993, p. 64 apud Santos, M. P. 2004, p. 225.
[22] Lave, 1988, p. 145.
[23] Wenger, 1998, p. 13.

o que não significava que ela não possa ser realizada em outros sistemas de atividade. Partir da noção de prática situada significa entender o *situado* como aquilo que contextualiza uma prática em determinado sistema de atividade

Exemplificando a concepção estrutural de contexto

No que dizia respeito à noção sistêmica de atividade, tal como enfocada por Engeström, um elemento desse sistema que se revelou central em minha pesquisa foram as regras que condicionavam/orientavam a realização da prática cinematográfica quando situada na atividade midiático-jornalística. Para mim, o conjunto dinâmico de regras que orientava tanto as relações sociais entre os integrantes de uma comunidade de prática, quanto as próprias práticas que eles realizavam, constituiu o que passei a chamar de *contexto institucional estruturador* dessas práticas. Acabei mobilizando a palavra "contexto" de maneira particular em minha pesquisa. Resolvi abandonar palavras como interior e exterior, macro e micro, porque penso que elas não são apropriadas para caracterizar um contexto. Quando falo em *contexto institucional*, me refiro ao conjunto de regras de qualquer natureza, explícitas ou não, que condicionam, isto é, que possibilitam ou impedem, em qualquer grau, a realização de uma prática. Não se trata, portanto, de uma concepção topológica ou hierárquica de contexto, mas de uma *concepção normativa* de contexto.

Para ilustrar minha concepção de contexto cito agora um exemplo que relata uma iniciativa realizada pelo jornal *The Washington Post* justamente com o propósito de lançar um debate sobre a noção de valor, contexto e arte: Um homem desce na estação do metrô de Nova York vestindo jeans, camiseta e boné, se encosta próximo à entrada: tira o violino da caixa e começa a tocar com entusiasmo para a multidão que passa por ali, bem na hora do rush matinal. Durante os 45 minutos que tocou, foi praticamente ignorado pelos passantes. A verdade é que ninguém sabia, mas o músico que tocava ali era Joshua Bell, um dos maiores violinistas do mundo. Ele executava peças musicais consagradas num instrumento raríssimo, um *Stradivarius* de 1713, estimado em mais de 3 milhões de dólares. Alguns dias antes, Bell havia tocado no *Symphony Hall* de Boston, onde os melhores lugares custavam a bagatela de 1000 dólares. A experiência foi gravada em vídeo e está disponível no *You Tube*. Ele mostra homens e mulheres de andar ligeiro, com seus copinhos de café na mão, celular no ouvido, crachás no pescoço, indiferentes ao som do violino[24].

O interesse no exemplo citado é justamente mostrar que estamos acostumados a dar valor às coisas quando estão num contexto. Determinada

[24] O relato da experiência e o vídeo que mostra o violinista tocando no metrô de Nova York está disponível no site do *You Tube*, buscando-se por: "Quando o luxo vem sem etiqueta".

prática pode ser altamente valorizada quando está situada em determinada atividade e, ao contrário, desvalorizada quando situada em outros sistemas de atividade. Este exemplo mostra bem o que sugeri em minha concepção estrutural de contexto. As regras que condicionam ou organizam um concerto de Bell no *Symphony Hall* de Boston incluem a existência de uma série de coisas: um ingresso de alto valor, a divulgação e a propaganda do show, uma estrutura física construída com a finalidade de promover shows musicais, um contrato explícito que garante a apresentação do músico prometido, outro contrato implícito entre a casa de show e seu público em relação ao evento etc. Em contrapartida, o contexto do metrô de Nova York permite a aceitação de músicos tocando em meios aos transeuntes, mas, implicitamente, sugere ali a existência de músicos desconhecidos, que, muitas vezes, utilizam aquele espaço para mostrar seu trabalho.

O metrô, portanto, poderia ser visto como uma instituição, justamente porque impõe a existência de regras reguladoras daquele contexto. O metrô é instituído como um lugar de passagem, um não-lugar. As pessoas não estão ali para ouvir um concerto de violino. As pessoas não pagaram absolutamente nada para ouvir aquele violino. Tudo isso impede que elas reconheçam naquele músico o mesmo músico dos caríssimos ingressos do *Symphony Hall* de Boston.

Também parti do estudo de uma concepção de contexto próxima àquela a qual adotei, agora associada à teoria de Jean Lave[25]. Em uma de suas pesquisas empíricas, Lave havia se proposto a analisar a prática matemática de realizar cálculos aritméticos em atividades quotidianas que não a do ensino-aprendizagem escolarizado. O objetivo da autora era observar quais seriam os meios de estruturação aplicados numa dada situação para dar forma e significado a relações quantitativas. Ela tentava mostrar que as atividades em situação proporcionavam campos para a ação que se estruturariam mutuamente. Para isso, Lave observou pessoas durante suas compras no supermercado e ouviu suas descrições sobre a estratégia adotada ao fazer compras. Lave propunha como unidade de análise o ambiente e o *cenário,* nos quais a atividade se desenvolvia. O supermercado seria um espaço no tempo, organizado física, econômica, política e socialmente, seria o produto de pautas de formação do capital e da economia política não diretamente negociável por um indivíduo. O supermercado, ao mesmo tempo em que seria exterior aos compradores individuais, também os abarcaria, proporcionando um marco institucional de ordem superior a partir do qual se constituiria o ambiente. Ao mesmo tempo, para os compradores individuais, o supermercado seria uma

[25] Lave, 2000, p. 65-98.

versão do *cenário* repetidamente experimentada e pessoalmente ordenada por eles[26]. O supermercado seria o ambiente da atividade.

O que considero mais interessante na perspectiva de Lave é o fato dela afirmar que as atividades se desenvolvem em cenários que são estruturados a partir delas e simultaneamente organizados também por elas. Reconhecer as rotinas, as expectativas e os cenários como relevantes para as atividades cotidianas mostra a pertinência de serem consideradas como objeto de análise para o estudo de qualquer tipo de atividade. Acredito que isso não está em desacordo com a proposta de Engeström. E, já que pude observar certas convergências entre os conceitos desses teóricos, lembro aqui que o conceito de *comunidade* utilizado por Engeström também foi re-significado por Lave em suas pesquisas. Lave trabalha com o conceito de *comunidade de prática*, o qual considerei interessante como forma de encarar o grupo de críticos entrevistado por mim, justamente porque era a prática que realizavam o que possibilitava a criação de certa unidade entre eles.

Do mesmo modo em que pude falar em contexto institucional estruturador da prática de utilizar o metrô como sistema de transporte público, realizada pela comunidade de usuários de sistemas de metrô, torna-se adequado falar em contexto institucional que estrutura a prática de se realizar compras em supermercados, prática esta realizada pela comunidade de consumidores que recorriam a um tal tipo de espaço ou ambiente para realizar suas compras. Cito agora uma passagem de Lave que acredito ser esclarecedora do modo como utilizei, em minha pesquisa, a expressão *contexto institucional*:

> (...) nunca nos veremos frente a uma situação em que apenas uma coisa acontece de cada vez. As pessoas, habilmente, compram alimentos e praticam matemática ao mesmo tempo. Eu posso ler enquanto faço tricô. Algumas vezes o processo de tricotar dá forma ao processo da leitura. Eu poderia ler enquanto tricotasse uma fileira, mas esperar para virar a página até que a fileira estivesse terminada, ou interromper a leitura para virar a página até que a fileira estivesse terminada, ou interromper a leitura para apanhar um ponto que houvesse escapado. Outras vezes, leio até o final da página antes de começar uma nova fileira, tricotando mais rapidamente conforme o enredo vai se complicando, ou apertando um pouco os pontos quando cresce a tensão. Os planos de fazer tricô parecem mais promissores se não exigirem uma atenção constante, ao passo que os livros de capa dura são mais atraentes porque as páginas permanecem abertas mais facilmente. Fazer tricô é um meio de estruturação para o processo de leitura, e a leitura fornece meios de estruturação que dão forma e pontuação ao processo de fazer tricô. As atividades dão forma uma à outra, mas não necessariamente de maneira idêntica. Habitualmente, uma atividade vai progredindo e condicionando a forma da outra, mais do que sendo condicionada por ela[27].

[26] Lave, 1998, p. 151 apud Engeström, 2001, p. 80-82

O interessante desse exemplo é que ele dá visibilidade a alguns dos aspectos que estruturam - limitando, delimitando, formatando, restringindo e/ou possibilitando - a realização de uma prática. Pensava que a noção de *meio de estruturação* de Lave tinha uma certa semelhança com o modo como Engeström mobilizava a noção de *regras* como um elemento de um sistema de atividade. Ainda que nem Engeström nem Lave tivessem estabelecido uma analogia dessa natureza, essa semelhança, a me ver, ficaria melhor caracterizada caso aproximássemos a noção de *meio de estruturação* de Lave à noção de *regras* em Engeström mediante a noção "fatores que condicionam a realização de uma atividade". Nesse sentido, se tricotar, para Lave, condiciona a atividade de ler e vice e versa, tricotar constituiria uma regra ou uma norma indicadora de sentido para a atividade de ler e vice e versa. Para Engeström, as regras seriam "*regulamentações, normas e convenções explícitas e implícitas que regem as ações e interações no sistema de atividade*[28]". Nas entrevistas que realizei pude observar que todos os meus entrevistados faziam, de algum modo, referência àquilo que chamava aqui de *contexto institucional estruturador* da prática da crítica situada na atividade midiático-jornalística.

Comentários finais

Portanto, ao partir da visão da crítica como prática social, ela deixaria de ser vista apenas como produto de uma ação, como texto tipificado, escrito e de autoria única. Ao longo da pesquisa, o sistema de atividade midiático-jornalístico foi tomado por mim como centro de análise e o contexto passou a ser a própria atividade realizada por esta comunidade especializada de críticos. O enfoque da análise das entrevistas partiu da observação das regras, das normas e convenções implícitas e explícitas que regiam as ações e interações desta comunidade de prática neste sistema de atividade particular. Agora, ao término e defesa da pesquisa, estou convencida de que argumentar em favor da legitimidade deste deslocamento conceitual pôde contribuir para se desafiar a

[27] Lave, 2000, p. 68.
[28] Engeström, 2001.

visão de que existiria um único espaço social legítimo de produção de críticas, como acreditava parte majoritária de meus entrevistados.

Essa constatação de que a prática da crítica poderia ser realizada em diferentes atividades convenceu-me também da relevância de se investigar as práticas de leitura e escrita e o modo como elas são realizadas no contexto da atividade escolar contrastando-as com aquelas realizadas em outros sistemas de atividade. Penso que identificar e compreender os condicionamentos que operam sobre tais práticas poderiam se mostrar significativos para um melhor esclarecimento dos processos escolares de mobilização dessa práticas e da atuação do professor no sentido de se reconhecer como agente transformador da realidade escolar. É nessa linha de pesquisa que pretendo dar continuidade a esses estudos.

Referências bibliográficas

ALVES, Aldo. **Olga: o campo de concentração das sete mulheres**. Disponível em: http://www.amazonia.com.br/portao/reportagens/detalhe.asp. Acesso em 5 de setembro de 2004.

ARANTES, Silvana. 'Olga'casa com o público e se divorcia dos críticos. In: **Folha de S. Paulo**. Ilustrada. São Paulo, 5 de setembro de 2004.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 4ª Edição, 2003.

BLOMMAERT, J. **Discurse. A Critical Introduction**. Cambridge University Press, 2005.

ENGESTRÖM, Y. Los studios evolutivos del trabajo como punto de referencia de la teoria de la actividad: El caso de la práctica médica de la asistencia básica. In: **Estudiar las prácticas. Perspectivas sobre actividad y contexto**. Buenos Aires: Amarrortu editores, p. 78-118, 2001.

HANKS, W. F. **Language & Communicative Practices**. USA: Westview, 1996.

_____ Os gêneros do discurso em uma teoria da prática. In: **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo: Cortez, p. 64-114, 2008a.

_____ O que é contexto? In: **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo: Cortez, p. 169-201, 2008b.

HEDEGAARD, M., CHAIKLIN, S., & JENSEN, U. J. Activity theory and social practice: an introduction. In: S. Chaiklin, M. Hedegaard & U. J. Jeses

(Orgs.), **Activity theory and social practice**. Aarthus, DK: Aarthus University Press, 1999, p. 12-30.

LAVE, J. Do lado de fora do supermercado. In: **Idéias matemáticas de povos culturalmente distintos**. São Paulo: Global Editora, 2000.

LUX, André. **Olga emociona graças ao ótimo elenco e à sempre pertinente mensagem contra o ódio e a intolerância**. Disponível em: http://www.epipoca.cidadeinternet.com.br/news. Acesso em: 05 de setembro de 2004.

MIGUEL, F. V. C. **Mídia jornalística e prática situada de crítica cinematográfica**. Dissertação de mestrado. Departamento de Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

MOITA LOPEZ, L. P da. Pesquisa Interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução. In: **Revista Delta**. Vol. 1°, N°2, 1994.

_____ A transdisciplinaridade é possível em lingüística aplicada?. In: Signorini, I. & Cavalcanti, M. C. (Orgs.). **Lingüística Aplicada: perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

_____ Uma lingüística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como Lingüística Aplicada. In: Moita Lopes, L. P da (org.). **Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MONDADA, L. A entrevista como acontecimento interacional: abordagem lingüística e interacional. In: **RUA. Nº 03**. Campinas - SP, 1997.

_____ Relações entre espaço, linguagem, interação e cognição: uma perspectiva praxeológica. In: **Situar a língua[gem]**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 67-90, 2008.

RAJAGOPALAN, K. O Santo Graal da Lingüística. In: **Situar a língua[gem]**. São Paulo: Parábola Editorial, p.15-38, 2008.

SADER, Emir. **Por que Olga incomoda?** Disponível em: http://www.ujs.org.br/tarolando/0309_emir.asp. Acesso em: 10 de setembro de 2004.

SANTOS, M. P dos. **Encontros e esperas com os Ardinas de Cabo Verde: aprendizagem e participação numa prática social**. Tese de doutorado. Departamento de Educação, Universidade de Lisboa, 2004.

SCHATZKI, T. R. **Social Practices: A Wittgensteinian approach to human activity and the social**. 1ª Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 1-23.

SIGNORINI, I. Do residual ou múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em lingüística aplicada. In: Signorini, I. & Cavalcanti, M (orgs.). **Lingüística aplicada e Transdiciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

_____ Metapragmáticas da língua em uso: unidades e níveis de análise. In: **Situar a língua[gem]**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 117-150, 2008a.

_____ Contexto é/como crítica. In: **Situar a língua[gem]**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 91-115, 2008b.

TRINDADE, Mauro. Paixão sem Inteligência. **Bravo!**, Rio de Janeiro, ano 7, nº 84, setembro de 2004.

WENGER, E. **Comunidades de práctica: aprendizaje, significado e identidade**. Barcelona: Paidós, 1998.

O DISCURSO SOBRE O POLÍTICO NAS CHARGES: QUE IDENTIDADES SÃO REPRESENTADAS?

Luciana Fernandes Nery[1]
UFCG

A relação palavra/imagem apresentada nas charges, bem como em outros textos midiáticos vem se constituindo num importante recurso para trabalhar questões relativas à leitura e à escrita, visto que a linguagem verbal e visual empregada costuma ser atraente aos olhos do leitor e transmite múltiplas informações de uma só vez. Neste contexto, este artigo tem como objetivo analisar o discurso político nesse gênero e observar como as identidades dos sujeitos são representadas a partir das interações discursivas.

Palavras-chave: Charges. Discurso. Identidades

Abstract

The relation between word/image presented in charges as well as in other media texts is becoming an important resource to work questions in relation to reading and writing in view of verbal and non-verbal languages used are usually attractive for reader view and transmits multiple informations at once. In this context, this article has as objective analizing the political discourse in this genre and observing how the subjects identities are represented from discoursive interactions.

Key-words: Charges. Discourse. Identities

Introdução

A charge é um gênero textual que circula diariamente na sociedade. No entanto, não costuma comumente ser trabalhada na escola. É um texto que lida com o repertório disponível nas práticas sociais, ligando-se ao modo como um determinado grupo vê o outro. Esse gênero tem a função de convencer, influenciar o outro de acordo com uma determinada ideologia, a fim de torná-los mais conscientes da realidade. Trata-se de um texto atraente aos olhos do leitor, pois a linguagem verbal e visual nela empregada é de rápida leitura e transmite múltiplas informações de uma só vez. No entanto, para compreender

[1] Aluna do programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da UFCG (Universidade Federal de Campina Grande).